

Artigo original



Implicações educacionais da violência nas escolas: estudo na escola secundária pública, na cidade de Maputo

Educational implications of violence at schools: study at a public secondary school in the city of Maputo

Implicaciones educativas de la violencia en las escuelas: estudio en una escuela secundaria pública de la ciudad de Maputo

Jacob Xerinda¹ Augusto Joaquim Guambe² ¹Autor para correspondência. Universidade Eduardo Mondlane (Maputo). Moçambique. jacob.xerinda@gmail.com²Universidade Eduardo Mondlane (Maputo). Moçambique. guambe26@gmail.com

RESUMO | INTRODUÇÃO: A violência nas escolas tem um impacto negativo na educação de alunos a nível mundial. Em Moçambique, em particular na cidade de Maputo, devido ao fenómeno da violência, o processo de ensino e aprendizagem fica comprometido. **OBJETIVO:** Analisar as implicações educacionais da violência nas escolas. **METODOLOGIA:** Adotou-se a pesquisa qualitativa com foco na descrição e interpretação profunda de declarações dos informantes. Foram selecionados por conveniência 10 participantes, sendo 5 alunos e 5 professores, de gêneros masculino e feminino. Foi utilizada a entrevista semiestruturada. Para análise de dados usou-se a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin, e foi realizada a transcrição integral das entrevistas e digitação das notas de campo e atribuição de números de forma a facilitar o processo de identificação dos discursos emitidos pelos participantes. **RESULTADOS:** O estudo evidenciou que as implicações educacionais da violência se caracterizam pelo baixo aproveitamento, desistência da escola, perda de interesse de aprendizagem, traumas por parte de alunos (as), isolamento social, humilhação, repetir a classe, sentimentos de vergonha e medo, roubos entre os colegas e delinquência juvenil. **CONCLUSÃO:** O estudo demonstrou que essas implicações educacionais são provocadas pelos tipos de violência praticadas na escola, como a violência física, a violência psicológica, a violência simbólica e a violência sexual. Os resultados deste estudo contribuirão na conscientização sobre a violência nas escolas e servirão como uma alternativa de debates, com vista à mitigação deste fenómeno na sociedade, em particular na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Escola. Consequências da Violência.

ABSTRACT | INTRODUCTION: Violence in schools has a negative impact on students' education worldwide. In Mozambique, particularly in the city of Maputo, due to the phenomenon of violence, the teaching and learning process is compromised. **OBJECTIVE:** To analyze the educational implications of violence in schools. **METHODOLOGY:** Qualitative research was adopted because it allows the in-depth description and interpretation of the data collected. 10 participants were selected by convenience, 5 students and 5 teachers, male and female. A semi-structured interview was used. For data analysis, Bardin's Content Analysis technique was used, and full transcription of the interviews and typing of field notes were carried out, assigning numbers in order to facilitate the process of identifying the speeches given by the participants. **RESULTS:** The study showed that the educational implications of violence are characterized by low achievement, dropping out of school, loss of interest in learning, trauma on the part of students, social isolation, humiliation, repeating the class, feelings of shame and fear, theft among colleagues and juvenile delinquency. **CONCLUSION:** The study demonstrated that these educational implications are caused by the types of violence practiced at school, such as physical violence, psychological violence, symbolic violence and sexual violence. The results of this study will contribute to raising awareness about violence in schools and be an alternative for debates, with a view to mitigating this phenomenon in society, particularly at school.

KEYWORDS: Violence. School. Consequences of Violence.



RESUMEN | INTRODUCCIÓN: La violencia en las escuelas tiene un impacto negativo en la educación de los estudiantes en todo el mundo. En Mozambique, particularmente en la ciudad de Maputo, debido al fenómeno de la violencia, el proceso de enseñanza y aprendizaje se ve comprometido. **OBJETIVO:** Analizar las implicaciones educativas de la violencia en las escuelas. **METODOLOGÍA:** Se adoptó una investigación cualitativa con enfoque en la descripción e interpretación en profundidad de las declaraciones de los informantes. Se seleccionaron por conveniencia 10 participantes, 05 alumnos y 05 profesores, hombres y mujeres. Se utilizó una entrevista semiestructurada. Para el análisis de los datos se utilizó la técnica de Análisis de Contenido de Bardin, y se realizó la transcripción completa de las entrevistas y mecanografía de notas de campo, asignándoles números para facilitar el proceso de identificación de los discursos pronunciados por los participantes. **RESULTADOS:** El estudio mostró que las implicaciones educativas de la violencia se caracterizan por bajo rendimiento, abandono escolar, pérdida de interés en aprender, trauma por parte de los estudiantes, aislamiento social, humillación, repetir la clase, sentimientos de vergüenza y miedo, robo entre compañeros y delincuencia juvenil. **CONCLUSIÓN:** El estudio demostró que estas implicaciones educativas son causadas por los tipos de violencia practicados en la escuela, como violencia física, violencia psicológica, violencia simbólica y violencia sexual. Los resultados de este estudio contribuirán para sensibilizar sobre la violencia en las escuelas y ser una alternativa de debate, con vistas a mitigar este fenómeno en la sociedad, particularmente en la escuela.

PALABRAS CLAVE: Violencia. Escuela. Consecuencias de la Violência.

Introdução

A violência é entendida como uma intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outros grupos e também contra si mesmo, abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de “acidentes”, além das diversas formas de violência verbal, simbólica, sexual e institucional (Abramovay & Rua, 2002).

Por seu turno, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como o uso de força física, poder real ou ameaça, contra si própria, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, problemas de desenvolvimento ou privação (Krug et al., 2002).

Para estes autores, a OMS adota um conceito amplo da violência que inclui o uso da força pelo indivíduo ou grupo nas suas ações para provocar um dano físico ou psicológico ao outro indivíduo, bem como, a ameaça ou intenção e abuso de poder exercido à família e outras instituições. Logo, esta definição exclui os incidentes não intencionais, a título de exemplo, chocar-se com alguém e contrair ferimentos.

Não obstante, a violência na escola é um problema global, 246 milhões de crianças e jovens sofrem violência escolar em cada ano (UNESCO, 2019). Entretanto, o espaço escolar se torna um ambiente propício para a manifestação de violência.

De acordo com Galvão et al. (2010), a escola pode ser considerada a autora, vítima e palco de aprendizagem de violências. A escola funciona como *autora* quando pratica a exclusão social por meio de processos mais ou menos subtis, a título de exemplo, quando promove métodos não participativos e coloca uma parte dos alunos ou alunas à margem no seu processo de desenvolvimento, o que propicia a reprodução da exclusão social. É *vítima* quando sofre vandalismo e, seus gestores e professores são hostilizados, em parte como reflexo da violência que ela produz. Por fim, é *palco* de violência quando no seu ambiente se desenrolam conflitos entre os seus membros, e quando se torna também, lugar de aprendizagem de violências.

Nessa trilha, a violência psicológica corresponde as ameaças, humilhações, intimidações, rejeição, chantagens, agressões verbais e desrespeito. Todavia nem sempre são percebidas e, muitas vezes, podem ser ainda mais graves. A invisibilidade desse tipo de agressão contribui para gerar um ambiente de segregação dentro das escolas, com grupelhos que marcam seu campo, seu espaço de violência (Souza, 2008).

Vale ressaltar que a violência psicológica é muito frequente, mas a menos identificada, devido ao grau de tolerância da sociedade para este tipo de abuso. Quase ninguém denuncia ou responsabiliza pais, parentes, professores, policias e outros que desqualificam ou humilham as crianças e adolescentes, ou seja, alunos de ambos os gêneros (Faleiros & Faleiros, 2007).

Parafrasear [Abramovay](#) e Rua (2002), este tipo de violência (física, psicológica e simbólica) pode ser desenvolvida pelos alunos contra o professor (membro da direção da escola), quando é agredido em pleno exercício da sua atividade profissional através de desinteresse pela aula, a falta de dedicação do aluno nas tarefas escolares, o desleixo e virar as costas ao professor enquanto este faz alguma observação ou crítica com vista a mudar a postura dos seus alunos (as).

Ademais, a prática do bullying (outra forma de violência) pode agravar alguns dos problemas existentes nas suas vítimas, a título de exemplo, a fobia escolar: caracteriza-se pelo medo intenso de frequentar a escola, ocasionando repetências por faltas, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar. Quem sofre de fobia escolar passa a apresentar diversos sintomas psicossomáticos e todas as reações do transcurso do pânico, dentro da própria escola; ou seja, a pessoa não consegue permanecer no ambiente onde as lembranças são traumatizantes ([Esquierro](#), 2011).

Reforçando a sua fundamentação, [Esquierro](#) (2011), defende que uma das principais características dos bullies é a agressividade não apenas no trato com os colegas, mas também com adultos, com professores e pais/encarregados de educação. São pessoas impulsivas, que geralmente sentem necessidade de dominar o outro, fazem uma avaliação positiva de si mesmos e são incapazes de se identificar com os sentimentos das vítimas das agressões.

Nesse contexto, a violência sexual contra crianças e adolescentes é uma violação de direitos, uma transgressão, uma relação de poder perversa e desestruturante. O combate a essa forma de violência é dificultado pelo facto de que ela resulta muitas vezes do envolvimento de diversos grupos que atuam em rede ([Faleiros](#) e [Faleiros](#), 2007). Este tipo de violência ocorre no ambiente familiar, no contexto escolar, etc., em forma de estupro, abuso sexual, assédio sexual e sexo forçado.

Portanto, um dos maiores problemas em muitas escolas tem sido os gangues e o tráfico de drogas no ambiente escolar e na vizinhança, criando um clima de insegurança. Essa situação belisca a autoridade dos responsáveis pela ordem na escola devido a sua passividade, como forma de resguardar a sua

integridade física e psicológica das possíveis ameaças dos malfeitores. Ainda, os traficantes utilizam os vendedores ambulantes e os alunos para venda e distribuição de drogas. Os gangues, por sua vez, interferem na vida da escola de várias formas, como: ameaças a alunos, demarcação de territórios onde uns podem entrar outros não, atos de vingança, clima de tensão, entre outros males ([Abramovay](#) & [Rua](#), 2002).

Nesse contexto, os episódios violentos geralmente são impactantes e de difícil reflexão imediata por quem é vítima ou potencial vítima, de alguma situação violenta: o choque e o trauma tendem a acentuar os sentimentos de perigo e de insegurança ([Yamasaki](#), 2007).

No entanto, a violência baseada no gênero que ocorre no ambiente escolar gera impactos negativos em todos os atores sociais envolvidos nessa configuração, acarretando danos físicos, psicológicos, prejuízo nas relações interpessoais e familiares, dificuldades no rendimento escolar, desistência da escola, agressividade, mudanças de comportamento, dentre outros fatores associados ([Gomes](#) & [Bittar](#), 2021).

De acordo com [Souza](#) (2008), o aluno ou a aluna vítima de violência, além de reproduzi-la, pode reagir através de uma mudança brusca de comportamento. Falta de atenção, baixa autoestima, variação de humor e agressividade são alguns sinais aos quais pais e educadores devem estar sempre atentos. No entanto, apesar de a violência ocorrer dentro das escolas, não é sempre gerada pela escola em si, pois, também existem fatores externos como: famílias desestruturadas, narcotráficos, conflitos sociais, etc. Desta forma, se faz necessário identificar os tipos de violência sofridas pelas crianças, para melhor compreender seus reflexos no ambiente escolar.

Nesse sentido, [Pereira](#) (2016) mostra que, em Moçambique, os problemas de violência escolar são consequências da violência que os alunos assistem na sociedade moçambicana, a falta de educação, a falta de acompanhamento familiar, a perda dos valores éticos e morais, a falta de respeito, as influências de novelas, a preguiça na resolução de tarefas escolares, as aulas que desmotivam, o fraco domínio dos conteúdos, o desprezo aos professores, o consumo de bebidas alcoólicas e drogas e o regulamento interno desajustado à realidade das escolas.

Banze (2022) corrobora ao afirmar que, a desordem e o desrespeito tendem a enraizar-se nas escolas na cidade de Maputo. O processo de ensino e aprendizagem passou a ter casos de polícia. Alunos consomem álcool, drogas e ameaçam com recurso a canivete e outros objetos perfurantes, colegas de turma. Relatos de gestores escolares e, sobretudo de colegas que sofrem e vivenciam o caos diariamente preocupam a comunidade escolar.

Na escola em estudo, o cenário da violência é evidente, bem como, o desmando e desrespeito pelo regulamento interno existente, o que começa a ser uma situação bastante preocupante no nosso País, em particular na cidade de Maputo. Considerando que, por causa da violência, os alunos de gêneros masculino e feminino abandonam a escola, sofrem *bullying*, *humilhação* e *insultos* pelos colegas, prestam pouca atenção nas aulas, perdem o interesse de aprendizagem e apresentam baixo aproveitamento pedagógico.

Segundo Albuquerque (2018), a escola deve tomar a dianteira na desconstrução das ideias da violência que pairam nos alunos e alunas. Ao concluir, evoca os educadores a observarem o seu papel social para impulsionar mudanças que levem os alunos e alunas a terem a consciência de que a violência é extremamente nociva, tanto para a família como para a sociedade.

Nessa perspectiva, o estudo buscou responder as seguintes perguntas da pesquisa: (1) quais são os tipos de violência praticados pelos alunos e professores na escola? (2) que implicações educativas a violência provoca na escola? O estudo visa oferecer uma contribuição social em promover a consciencialização sobre a violência de gênero nas escolas por parte de profissionais de educação, famílias, formuladores de políticas educacionais e comunidade em geral. Também, espera-se que o estudo sirva de reflexão e debates académicos, com vista a erradicação da violência baseada no gênero nas escolas, ao nível mundial e, em particular na realidade Moçambicana.

No geral, este estudo objetiva analisar as implicações educacionais da violência em uma escola secundária do ensino público, na cidade de Maputo. Os objetivos específicos são: (1) identificar os tipos de violência praticados pelos alunos e professores na escola; (2) discutir as implicações educativas provocadas pela violência na escola.

Método de estudo

Adotou-se a pesquisa qualitativa com foco na descrição e interpretação profunda de declarações dos informantes, a compreensão dos sentimentos e significados que os participantes emitem acerca do tema em pauta. Para Alves-Mazzotti e Gewandszajder (2004), na pesquisa qualitativa a concepção, planificação e estratégia evoluem durante o desenvolvimento, uma vez que as estratégias usadas permitem descobrir relações entre os fenómenos, indutivamente fazendo emergir novos pressupostos, também procura compreender os fenómenos a partir da perspectiva dos participantes.

De acordo com Minayo (2007), a pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, os motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Além disso, a autora enfatiza a subjetividade como forma de compreender e interpretar as experiências.

Os participantes neste estudo são os alunos e professores de uma Escola Secundária do Ensino Público, na cidade de Maputo. Foram selecionados por conveniência 10 participantes, sendo 05 alunos e 05 professores de gêneros masculino e feminino. A idade de alunos (as) varia de 16 a 19 anos, e o seu nível de escolaridade é 11ª classe. Em relação aos (as) professores (as), a idade varia de 40 a 58 anos, e suas habilitações literárias são Licenciatura.

Para a seleção dos participantes foram adotados como critérios de inclusão: ser aluno (a)/professor (a) na escola em estudo, aceitação de participação na pesquisa, ter vivenciado/observado ou testemunhado a ocorrência dos atos de violência na escola. Como critérios de exclusão: não ser aluno (a)/professor (a) na escola da realização de estudo, não-aceitação de participação na pesquisa e aluno (a)/professor (a) deprimido e fora da sua sanidade mental.

Para a coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada. A opção pela entrevista semiestruturada é por ser um instrumento importante na pesquisa empírica que favorece um contacto real e direto entre o pesquisador e os participantes e, permite a apreensão da realidade subjetiva em estudo.

[Silva](#), Oliveira e Salge (2021) fundamentam que a entrevista semiestruturada é mais flexível, não segue um roteiro rigoroso, permite obter uma riqueza de informações e o investigador interpreta a realidade com base nos depoimentos dados pelos participantes.

O pesquisador procurou estabelecer o contacto com a escola escolhida, na cidade de Maputo, através de uma carta de solicitação de recolha de dados. Já na escola, foi informado para contactar as Direção Distrital de Educação e Cultura que tutela a escola, a fim de ter a autorização administrativa.

Depois da resposta favorável dessa entidade, o pesquisador apresentou-se na escola, reuniu-se com a Direção da Escola, onde explicou os objetivos da pesquisa e sua finalidade. Por parte da escola teve a informação do seu funcionamento e foi apresentado aos professores (as) e alunos (as) para facilitar a interação. O processo de seleção dos participantes foi feito pelo pesquisador. O pesquisador apresentou os objetivos do estudo a cada participante e procurou esclarecer as dúvidas surgidas no diálogo. No dia combinado, entrevistou cada participante na sala indicada ou no espaço aberto.

A entrevista com os participantes foi realizada de forma individual. Todas as entrevistas foram registadas no bloco de notas e gravação sonora, mediante a prévia aceitação de cada participante. O tempo de duração das mesmas foi de 25 a 40 minutos.

A interpretação dos dados visando à apreensão do fenómeno e garantir a sua compreensão nas perspectivas dos (as) alunos (as) e os (as) professores (as) foi feita com referencial teórico e técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin.

Nesse sentido, a análise do conteúdo é um conjunto de técnicas de investigação das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição detalhada do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens ([Bardin](#), 2011).

No que concerne ao presente estudo, foi realizada a transcrição integral das entrevistas e digitação das notas de campo em formato digital e atribuição de nomes fictícios aos participantes. Posteriormente, foram feitas várias leituras das informações recolhidas,

exploração dos depoimentos mais significativos e identificação de temas recorrentes nas respostas dos participantes. Por isso, fez-se a confrontação das informações recolhidas dos alunos e dos professores com os dados obtidos da literatura patente neste trabalho.

O presente artigo é recorte da tese em andamento. O projecto foi submetido ao Conselho Científico, tendo sido aprovado segundo o parecer de 03 de abril de 2023.

Esta pesquisa envolveu os seres humanos, por isso, atendeu as exigências éticas e foi pautada pelo respeito da dignidade humana de garantir a privacidade dos participantes, não compartilhar os dados com pessoas fora da pesquisa e, a obtenção de consentimento informado. Nesse sentido, salvaguardou a confidencialidade dos participantes, com atribuição de um nome fictício, as alunas da escola passaram a ser designados de “Aluna1, idade e classe” e os alunos foram designados por “Aluno1, idade e classe” em diante. Sublinhar que, o número que aparece depois do nome constitui apenas o número de ordem da entrevista. Igualmente, os professores passaram a ser tratados de “Professor1, idade e escolaridade” e as professoras foram tratadas por “Professora1, idade e escolaridade”, com os números “1, 2, 3, etc.” a servirem de diferencial.

Resultados e discussão

Neste espaço são apresentados e discutidos os resultados obtidos no campo da pesquisa. Para melhor compreensão, foi criada uma unidade de análise, designada “violência escolar na categoria de gênero e implicações na educação”, sendo apresentada por duas categorias: Tipos de violência praticados pelos (as) alunos (as) e professores (as) na escola e Implicações educacionais da violência baseada no gênero na escola.

Tipos de violência praticados pelos (as) alunos (as) e professores (as) na escola

Para os alunos e alunas da escola, os principais tipos de violência praticados na escola, são: a violência psicológica (caracterizado por ofensas, humilhações, insultos e bullying), violência física, e violência sexual, conforme as seguintes afirmações:

“Me lembro que tenho o meu colega que uma vez, não havia usado o cinto, ele sofreu uma ofensa com o professor, também, não havia prumado. O professor disse que se você tem atadores de sapatos, mas não tem dinheiro de comprar o cinto, então usa atador ou uma corda e amarra essas calças, nós não queremos alunos assim...e se sentiu ofendido” (Aluno3, 18 anos, 11ª classe)

“Já observei insultos entre os alunos, entre os professores não. A humilhação professor e aluno já. Há professores que humilham o aluno, chamar de burro, você não sabe nada, esse tipo de coisas... para mim isso é uma humilhação sim, e desmotiva” (Aluna4, 17 anos, 12ª classe)

“Há ofensa entre alunos mesmo, começou por bullying, um diz “ele era gordinho, agora piorou”. [...] todos começaram a rir a ele, sei lá. Ele se sentiu mal. A humilhação já, um professor chamou aluna de suja, porque teve dificuldades de resolver o TPC” (Aluno5, 17 anos, 11ª classe)

Na opinião do aluno3 percebe-se o espírito de solidariedade, ao criticar a postura negativa do professor que ofendeu o seu colega por falta de aprumo. Numa turma, muitas vezes, a condição socioeconómica de alunos (as) não é igual, existem alunos (as) que saem de famílias desfavorecidas, cujos os pais são pobres, por isso, deve existir a moderação da linguagem para evitar-se ferir suscetibilidades, pois, na tentativa de corrigir um erro, o professor acabou por dizer palavras ofensivas que podem abalar a estrutura psicológica dos seus alunos.

O contexto escolar descrito pela aluna4 é caracterizado pela violência psicológica em que são usados os insultos entre os alunos e a humilhação vinda na parte do professor com o objetivo de denigrir a imagem do seu aluno. Cada um de nós, à semelhança dos (as) alunos (as), gostamos de ser tratados com respeito, quando acontece o contrário, ficamos magoados. Neste caso específico, os alunos ao ouvirem frases como *“burro, você não sabe nada”*, ficam desmotivados e verifica-se o afastamento entre o mestre e os seus discípulos; este ambiente de desarmonia pode tornar os alunos agressivos.

Na faixa etária de adolescência que constitui a idade de alunos e alunas participantes na pesquisa, o *bullying* não pode ser minimizado, conforme revelou a aluno5. O adolescente passa por transformações físicas, cognitivas e sociais, e muitas vezes busca a sua

valorização naquilo que são os padrões de beleza da sociedade. Esses padrões levam por vezes, os adolescentes que não se sentem atraentes a sofrerem de vários transtornos, como o distúrbio alimentar, com o intuito de atingir o padrão cultural do “corpo ideal”. Portanto, quando o aluno é chamado de “gordinho”, há muitas possibilidades de se sujeitar a uma dieta sem controle, com vista a emagrecer e para estar nas graças dos seus colegas que se riem dele. E quando o professor chama a aluna de suja na cobrança de TPC, às vezes, pode abalar-lhe mais a parte emocional, que, conseqüentemente, pode acabar dedicando-se ou não nas atividades recomendadas.

Nessa trilha, a violência psicológica corresponde as ameaças, humilhações, intimidações, rejeições, chantagens, agressões verbais e desrespeitos. Todavia, nem sempre são percebidas e, muitas vezes, podem ser ainda mais graves. A invisibilidade desse tipo de agressão contribui para gerar um ambiente de segregação dentro das escolas, com grupelhos que marcam seu campo, seu espaço de violência (Souza, 2008).

De acordo com Assis et al. (2023), os comentários pejorativos do professor depreciam o comportamento do aluno. Esse tipo de comentário, de modo geral, coloca o aluno criticado numa situação humilhante e ridícula, causando-lhe certo constrangimento. Diante de comentários pejorativos como “não aprende nada”, “ele é meio tonto mesmo”, ou “acho que não é normal”, comumente, os colegas voltam sua atenção para o aluno criticado e riem ou fazem chacota.

Fante (2005) defende que, no bullying, às vezes, as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar.

Na mesma senda, outra aluna reforçou os tipos de violência de gênero na escola ao relatar o seguinte episódio:

“Um caso que aconteceu nesta escola, umas meninas estavam na casa de banho, então entrou um moço que nem é da escola, e trancou a porta na tentativa de violar sexualmente, depois algumas alunas que também, estavam para entrar na casa de banho, começaram a ouvir gritos vindos de dentro, então, correram para chamar o guarda. O guarda chegou e tentou abrir a porta, não estava a conseguir.

Mas, como esta escola têm polícias aqui dentro, os guardas saíram para chamar a polícia, quando aquele moço ouve o barulho de polícias, ele abre a porta na tentativa de fugir, mas encontraram, então foi uma das violências que eu já presenciei. Agora humilhação, agressão física e insultos quase acontece todos os dias, existem professores que na verdade não sabem falar com o aluno” (Aluna2, 17 anos, 11ª classe).

O relato da aluna2 aponta as fragilidades no sistema de segurança nas escolas e o perigo que correm as alunas e outros utentes, porque ocorreu uma tentativa de violação sexual por parte de um intruso. Essa incursão do intruso, apenas, ficou abortada devido a pronta intervenção das colegas que estavam do lado de fora, ao solicitarem o apoio do guarda até chegar ao polícia. A ação corajosa dessas meninas é sinal de demonstração que o silêncio pode ser quebrado, ao denunciar o violador às autoridades competentes. Para além das humilhações, insultos e agressão física que ocorrem com frequência e naturalidade, entre os (as) alunos (as), em alguns casos envolvendo os professores com alunos de sexos masculino e feminino.

[Abramovay](#) e Rúa (2002) destacam que o assédio sexual é uma das formas mais comuns de violência de professores contra alunos, principalmente contra as raparigas/mulheres, ainda que possa ocorrer entre os rapazes (no colectivo de alunos) ou envolver outros funcionários na escola. Para além, de pessoas estranhas a escola invadirem a instituição como o objetivo de praticar esse acto violento.

No que diz respeito as opiniões dos (as) professores (as) da escola, os principais tipos de violência que ocorrem são: violência física (agressão física) e violência psicológica (caracterizada por insultos, humilhação e consumo de drogas), conforme elucidam os trechos das entrevistas:

“Insultos por exemplo, no ano passado tivemos um caso em que houve uma briga entre um membro da direcção da escola e um aluno, saírem em porradas, até o membro da direcção da escola parar no hospital. O aluno foi encontrado com cábula, então o membro da direcção da escola, ao querer perceber onde encontrou as respostas, coisas parecidas [...], desentenderam-se e o aluno deu cabeçada ao membro da direcção da escola, e acabou levando pontos no hospital e ficou um tempo sem trabalhar. Então são coisas que agente vive aqui” (Professora2, 53 anos, licenciatura)

“No ano passado tivemos casos de consumo e venda de drogas na escola, mas a boca do fumo está em alguns dos bairros. Eu acho que aquilo foi chantagem, no sentido de: “se você não for vender isto na escola vou te dar porrada” ou porque “eu vou criar problemas na sua família, então tem que levar isto para lá vender”. Então, os miúdos estavam envolvidos nisso... alunos que iam até 15 anos estavam nessa situação tóxica” (Professor1, 37 anos, licenciatura)

A partir do relato da professora2, podemos constatar a desvalorização da figura do “professor ou membro da direcção da escola”, sendo educadores respeitados na nossa sociedade, em particular na escola. No passado, o professor estendia a sua missão no aconselhamento das famílias, dificilmente o aluno podia levar a mão e bater no seu mestre. Mas, neste caso, o aluno teve o atrevimento de dar cabeçada à autoridade da escola. Só o simples facto de ter sido encontrado com a cábula, já tinha violado o regulamento interno da escola, e a violência física e psicológica imposta ao membro da direcção da escola chama-nos atenção para se trabalhar mais o respeito, o diálogo e outros valores sociais a partir da família, para que qualquer educando (a) quando sai da sua casa, apresente uma boa educação na escola e em outros lugares.

Parafraseando [Assis](#) et al. (2023), a insegurança e o medo no trabalho de professor ou função de direcção da escola são novos na realidade Moçambicana. Esse temor relaciona-se com o facto de alunos que chegam a escola sem limites e regras sociais, acabam sendo violentos e tratam os colegas e professores com crueldade.

[Cossa](#) (2015) enfatiza a cultura do respeito ao mais velho na sociedade Moçambicana. Embora esse respeito esteja em crise nas grandes cidades, ainda resiste em determinados contextos sociais: o professor é tido, por vezes, como substituto dos pais da criança em termos educacionais e este nunca pode ser enfrentado verbalmente ou fisicamente, mesmo que suas práticas estejam deslocadas do nosso sentimento humano. O adulto, os pais assumem posições divinas em certos contextos sociais e, nisso, o cristianismo vem acrescentar quando estabelece que o sujeito deve respeitar os seus progenitores para que seus dias sejam acrescentados.

Em relação ao consumo e venda de drogas no ambiente escolar, envolvendo alunos menores faz soar

os alarmes nas escolas, em particular na cidade de Maputo. Percebe-se no relato do professor¹, que as crianças são colocadas entre a espada e parede, no sentido de facilitar a entrada de estupefacientes nas escolas. Como são ameaçadas de porradas, incluindo as suas próprias famílias e sem nenhuma proteção, acabam por ceder a essa chantagem movida por indivíduos oriundos de bairros vizinhos, mas com a convivência de alunos (as) que estão dentro desse grupo maldoso, neste caso o perigo vem de fora para dentro da escola.

Portanto, um dos maiores problemas em muitas escolas tem sido os gangues e o tráfico de drogas no ambiente escolar e na vizinhança, criando um clima de insegurança. Essa situação belisca a autoridade dos responsáveis pela ordem na escola devido a sua passividade, como forma de resguardar a sua integridade física e psicológica das possíveis ameaças dos malfeitores. Ainda, os traficantes utilizam os vendedores ambulantes e os alunos para venda e distribuição de drogas. Os gangues, por sua vez, interferem na vida da escola de várias formas, como: ameaças a alunos, demarcação de territórios onde uns podem entrar outros não, atos de vingança, clima de tensão, entre outros males (Abramovay & Rua, 2002).

Por sua vez, outro professor revelou os tipos de violências que já presenciou à sua prática na escola, ao apontar o seguinte:

"Vemos meninos alterados. Já vi um menino alterado e espetou a faca na cabeça do outro, acho que foi no ano passado, alias não foi faca, foi esferográfica. Tiveram que levar para extrair aquilo no hospital. Às vezes, entram em pancadaria aí. Agora violência sexual, eles namoram entre si. Insultos, acho que posso dizer que é de menos. Agora nesse ponto é interessante o assédio sexual acontece, entre eles não interessa nem chegamos a ver. Mas, existe entre professor e aluno.

Aluno assediar a professora, o professor assediar a aluna, aluna assediar o professor. Agora, acho mau o professor só se aproveitar, tem aqueles que realmente casam quando a aluna, também, tem idade para isso"
(Professor5, 60 anos, licenciatura)

"Já vimos até meninas a se esfaquearem por causa de namorados, foi estranho quando aquele episódio

ocorreu porque umas meninas presenciaram a situação. Quando comento com as outras, não acreditei quando me disseram (dizia uma delas) que "mesmo eu ando com uma lamina". Perguntei, para quê? Para elas as duas era normal e uma respondeu "para se defender professor". Voltei a perguntar.... Para se defender do quê? Das minhas colegas bandidas"
(Professor5, 60 anos, licenciatura)

Estes depoimentos do professor⁵ mostram claramente os casos extremos da violência nas escolas, em que o aluno, tanto de sexo masculino ou de sexo feminino, de forma intencional recorre a um objeto perfurante ou a faca para esfaquear no corpo do seu colega, mesmo sabendo que pode lhe tirar a vida quando atinge os órgãos vitais como o coração, não se importa. Momentaneamente, por conta de consumo das drogas que alteram os seus sentimentos e pensamentos, esquecem que todos (as) temos direito a vida. Então, estes casos, no nosso entendimento, não se resolvem só com a polícia é necessária uma conjugação de todas forças da comunidade escolar.

Ademais, o seu relato nos remete a uma reflexão profunda, de alunos e alunas que quando vão para a escola, levam consigo as lâminas e outros objetos perfurantes para sua autodefesa e prontos para serem usados nas brigas com os próprios colegas, como vítima ou agressor (a). Neste caso, mesmo com a insistência do professor em querer saber os porquês de levarem os objetos cortantes para escola, as alunas afirmaram categoricamente que servem de proteção contra as suas colegas bandidas. Vejam onde chegou o comportamento de alunos (as) nas escolas em Moçambique. Uma situação terrível de violência que urge a sua mitigação. Os alunos (as) perdem o seu tempo em coisas fúteis, em vez de investirem em lições que são abordadas na sala para aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de competências.

Banze (2022) corrobora ao afirmar que a desordem e o desrespeito tendem a enraizar-se nas escolas, em particular na cidade de Maputo. O processo de ensino e aprendizagem passou a ter casos de polícia. Alunos consomem álcool, drogas e ameaçam aos colegas de turma com recurso a canivete e outros objetos perfurantes. Relatos de gestores escolares e, sobretudo de colegas que sofrem e vivenciam o caos diariamente, preocupam a comunidade escolar.

Diante do quadro exposto, segundo as percepções de professores (as), os principais tipos de violência praticados na escola são:

a) *A violência entre alunos (as)*; normalmente, ocorre a violência física (caracterizada por agressões físicas com facas e outros objetos perfurantes, arranhões, tapas, empurrões, lutas e traumatismos) e violência psicológica (caracterizada por ofensas, humilhação, insultos, consumo e venda da droga).

b) *A violência de professores (as) para alunos (as)*; ocorre com frequência a violência psicológica (humilhação, insultos e ofensas) e violência sexual (caracterizada por assédio sexual).

Implicações educacionais da violência baseado no gênero na escola

Do ponto de vista das alunas e alunos da escola, existem implicações educacionais provocadas pela violência baseada no gênero que se caracterizam pelo baixo aproveitamento, abandono da escola, assédio sexual, perda de interesse de estudar, traumas por parte de aluno (a), isolamento social, vergonha e medo, conforme relataram o seguinte:

“[...] baixo aproveitamento e abandono da escola. Temos colegas que desistiram da escola. Quando a pessoa é violentada acaba por perder interesse de muita coisa, e aqui perde a vontade de estudar. Isso prejudica muito na escola porque não terá nota e chumba de classe” (Aluno5, 17 anos, 11ª classe)

“Pode levar o aluno a baixar o aproveitamento e desistir da escola porque foi mostrado uma faca, como também a ter traumas. Pode chegar até ao ponto de se trancar na escola, não falar com ninguém, ser muito mais solitário” (Aluna1, 18 anos, 11ª classe)

“Tem vários casos que os alunos optam em desistirem da escola quando vê que há muita violência...quando os professores querem te perseguir e tu não aceitas o que eles querem, eles acabam fazendo de tudo para que tu não passes de classe ou algo de gênero. Mas, que tu permaneces na mesma classe, tendem a humilhar-te, a mostrar que você não vai passar” (Aluna4, 17 anos, 12ª classe)

“Baixo aproveitamento, alguns alunos chegam por abandonar a escola por causa da violência. E já aconteceu o pior no ano passado. Têm alunas que queriam passar de classe, depois conversaram com os

professores em troca de favores...não sei se falou-se sobre o quê. Mas, uma das meninas voltou a chumbar, abandonou a escola porque ela fez de tudo para passar de classe, mas o professor fez-lhe chumbar mesmo assim” (Aluna2, 17 anos, 11ª classe)

O aluno5 refere que a violência tem implicações na educação dos (as) alunos (as) e concorre para o insucesso escolar caracterizado por baixo aproveitamento e abandono da escola. Ele parte de casos conhecidos de colegas que perderam a vontade de continuar os estudos, reconhece o prejuízo que traz a desistência da escola, mas é uma forma de preservar o que mais existe de sagrado no mundo, a vida.

O depoimento da aluna1, também, destaca o baixo aproveitamento e o abandono da escola devido a onda da violência. Para além disso, o fato de ter visualizado um instrumento cortante, como a faca e ser ameaçado de morte, significa que vivenciou uma experiência traumática; assim, a frequência na escola pode diminuir devido a medo de ser interpelado pelo agressor, passa a ser um aluno acanhado, com dificuldades de aprendizagem, mesmo para criar amizades.

Nos relatos apresentados pela aluna4 e outra aluna 2, ressaltam a problemática do assédio sexual por parte dos professores, onde as meninas surgem como as maiores vítimas dessas incursões maldosas. Alguns professores forçam a barra para conseguirem satisfazer os seus desejos, atribuindo notas baixas, de modo que sejam procurados para a conversa denominada “troca de favores” quer dizer, “dou-te a nota em troca do sexo”. Quando as meninas “X e Y” não colaboram, como retaliação chumbam de classe, uma espécie de humilhação para mostrar quem realmente manda. Outro aspeto apresentado é o baixo aproveitamento e desistência da escola como consequência de tanta violência prática na escola, lugar que se esperava que fosse seguro.

Nesse contexto, os episódios violentos geralmente são impactantes e de difícil reflexão imediata por quem é vítima ou potencial vítima, de alguma situação violenta: o choque e o trauma tendem a acentuar os sentimentos de perigo e de insegurança (Yamasaki, 2007).

Ainda, nessa esteira, Abramovay e Rua (2002) destacam que o assédio sexual é uma das formas mais comuns de violência de professores contra alunos, principalmente contra as raparigas/mulheres, ainda

que possa ocorrer entre os rapazes (no coletivo de alunos) ou envolver outros funcionários na escola.

Em relação a percepção dos (as) professores (as) da escola, sobre as implicações da violência na educação de alunos (as), comentaram que os alunos não estudam e não prestam atenção na sala, bebem e fumam, aproveitamento escolar negativo, sentem-se acanhados, medo de colegas que fazem *bullying* e outros tipos que retira o foco no processo de ensino e aprendizagem, como salientaram nos seus depoimentos:

“Os alunos não estudam e não prestam atenção na sala. Se vem a escola é do tipo diversão, não estão interessados, não contribuem em nada na sociedade. Eles perdem o foco, não estão preocupados em olhar os problemas da sociedade e solucionar. Eles estão preocupados em diversão, bebem e fumam e acabam se perdendo por aí. Eu não sei qual é o futuro que esperamos desse País, como uma juventude que já nem sabe o que está a fazer” (Professora2, 53 anos, licenciatura)

“O fraco aproveitamento, de alguma forma se este aluno se sente violentado, sente-se acanhado. O facto de não fazer o teste porque não tem o material, realmente o aproveitamento vai ser negativo. Tivemos casos de professores que chegavam a dar média um, mas o aluno só fez um teste e não fez os outros testes porque não tinha material” (Professor1, 37 anos, licenciatura)

“Há alunos que vem a escola, mas não vão nas salas de aulas por ter medo desses colegas que vivem fazendo bullying, cometendo a violência verbal e física. Também, um aluno violento, sempre ataca a todos, e não está preparado para aula. A violência sempre retira o foco no processo de ensino e aprendizagem” (Professor3, 38 anos, licenciatura)

A professora2 traz uma visão geral não relacionada apenas a violência baseada no género na escola, mas também para desabafar acerca daquilo que acha de alunos de ambos os sexos, ao referir que estes (as) não estudam e nem prestam atenção na matéria lecionada na sala de aula. A eles (as) interessa apenas a diversão e não estão preparados (as) para aprender e contribuir na sua progressão e no desenvolvimento do país. Por isso, entregam-se aos vícios, bebendo e fumando, o que acaba hipotecando o seu futuro, resultando em uma geração sem foco.

Outro aspecto relevante foi abordado pelo professor1, ao dizer que a violência pode levar o (a) aluno

(a) a ser acanhado (a) e interferir para um fraco aproveitamento escolar. Ele dá o exemplo de um aluno (a) que não conseguiu fazer todos os testes porque não tem o material necessário, às vezes, porque os pais não conseguem providenciar esse material e o professor atribui um (1) valor como média para o (a) aluno (a), isso pode constituir uma violência simbólica e ao mesmo tempo uma violência psicológica, tendo em conta que vai ficar afetado.

Já o professor3 alerta que existem alunos (as) que vem a escola, mas não entram na sala de aula, cansados de bullying protagonizado pelos seus colegas. É uma situação chata que precisa de ser ultrapassada, sob o perigo desse tipo de violência ser um obstáculo e tirar o foco do processo de ensino e aprendizagem. Normalmente, um indivíduo violento ataca a todos (as) e tudo por nada e para não continuar a exceder os limites e respeitar as regras de boa convivência deve ser reeducado que passa pela sua ressocialização.

Uma das principais características dos bullies é a agressividade não apenas no trato com os colegas, mas também com adultos, com professores e pais/ encarregados de educação. São pessoas impulsivas, que geralmente sentem necessidade de dominar o outro, fazem uma avaliação positiva de si mesmos e são incapazes de se identificar com os sentimentos das vítimas das agressões (Esquierro, 2011).

De acordo com Souza (2008), o aluno ou a aluna vítima de violência, além de reproduzi-la, pode reagir através de uma mudança brusca de comportamento. Falta de atenção, baixa autoestima, variação de humor e agressividade são alguns sinais aos quais pais e educadores devem estar sempre atentos. No entanto, apesar de a violência ocorrer dentro das escolas, não é sempre gerada pela escola em si, pois, também existem fatores externos como: famílias desestruturadas, narcotráficos, conflitos sociais, etc. Desta forma, se faz necessário identificar os tipos de violência sofridas pelas crianças, para melhor compreender seus reflexos no ambiente escolar.

Ainda na senda das implicações educacionais, a outra professora afirmou o seguinte:

“A delinquência juvenil é o caso desta violência na escola. Mas, não se aprende na escola, alguém traz de fora e influencia os outros. Muita gente que é adulto o corpo, mas que a aqui na cabeça não tem nada [...].

Ele não é capaz de se enquadrar num ambiente do trabalho por causa do comportamento escolar no passado. Esse aluno fica alheio aquilo que rodeia ao ambiente familiar. Repare que muitos deles acabam por ser invejosos. Por quê? Não se preparou durante a idade escolar, agora, odeia o próprio pai por não ter sorte ou acusa a mãe de feiticeira” (Professora4, 42 anos, licenciatura)

A professora4, no seu relato traz um dado novo a delinquência juvenil como uma das implicações da violência na educação de alunos (as), estabelecendo uma comparação das pessoas que crescem o corpo, mas a sua cabeça está vazia, senão pensar em fazer maldade aos outros. Esses alunos não aproveitam as oportunidades de aprender ainda na idade escolar, o seu comportamento é estranho. Mais tarde ressentem-se das dificuldades para se inserir na família e no trabalho, então, culpam os pais pelo infortúnio, acham que foram enfeitiçados para não terem sorte e cultivam a inveja, tudo isso como resultado de não saber escutar a orientação dada pelos mais velhos.

Segundo [Albuquerque](#) (2018), a escola deve tomar a dianteira na desconstrução das ideias da violência que pairam nos alunos e alunas. Ao concluir evoca os educadores a observarem o seu papel social para impulsionar mudanças que levem os alunos e alunas a terem a consciência de que a violência é extremamente nociva, tanto para a família como para a sociedade.

Conclusões

O estudo evidenciou que, as implicações educacionais da violência na escola caracterizam pelo baixo aproveitamento, desistência da escola, perda de interesse de aprendizagem, traumas por parte de alunos ambos os sexos, isolamento social, humilhação, repetição de classe, sentimentos de vergonha, insegurança e medo, roubos entre os colegas e delinquência juvenil.

Portanto, essas implicações educacionais são provocadas pelos tipos de violência baseada no gênero praticada na escola. Por um lado, a violência entre alunos (as) normalmente ocorre como a violência física (caracterizada por agressões físicas com facas e outros objetos perfurantes, arranhões, tapas, empurrões, lutas e traumatismos) e violência psicológica

(caracterizada por ofensas, humilhação, insultos, consumo e venda da droga). Por outro lado, a violência de professores (as) para alunos (as), ocorre com frequência, com proeminência as violências psicológica (humilhação, insultos e ofensas) e sexual (caracterizada por assédio sexual).

O contributo do estudo é promover a conscientização sobre o fenómeno de violência nas escolas e suas implicações na educação por parte de alunos de ambos os gêneros, profissionais de educação, famílias, formuladores de políticas educacionais e comunidade em geral, com vista a sua mitigação na sociedade, em particular na escola.

Por fim, importa destacar que as implicações educacionais advindas da violência de gênero na escola são inúmeras para alunos e alunas, e seu impacto é crucial na saúde mental e no aproveitamento pedagógico. Deste modo, este estudo não fecha o debate sobre esta temática, pelo contrário, abre novos horizontes e atiza novas pesquisas com outro embasamento teórico do tema.

Contribuições dos autores

Os autores declararam ter feito contribuições substanciais ao trabalho em termos da concepção ou desenho da pesquisa; da aquisição, análise ou interpretação de dados para o trabalho; e da redação ou revisão crítica de conteúdo intelectual relevante. Todos os autores aprovaram a versão final a ser publicada e concordaram em assumir a responsabilidade pública por todos os aspectos do estudo.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Indexadores

A Revista *Psicologia, Diversidade e Saúde* é indexada no [DOAJ](#), [EBSCO](#) e [LILACS](#).



Referências

- Abramovay, M., & Rua, M. G. (2002). *Violências nas escolas*. UNESCO.
- Albuquerque, A. G. (2018). Reflexões acerca da violência de gênero no ambiente escolar. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*, 3(1), 46-62. <https://doi.org/10.24219/rpi.v3i1.538>
- Alves-Mazzotti, A. J., & Gewandsznajder, F. (2004). *O método nas ciências naturais e sociais*. Pioneira Thomson Learning.
- Assis, S. G., Constantino, P., Avanci, J. Q., & Njaine, K. (2023). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores* (2ª ed.). Editora Fiocruz.
- Banze, C. (2022, 27 de março). Alunos do secundário: consomem álcool, drogas e ameaçam com recurso a canivete colegas de escola. *Jornal Domingo*, p. 12-13. <https://www.jornaldomingo.co.mz/sociedade/alunos-do-secundario- consomem-alcool-drogas-e-ameacam-com-recurso-a-canivete-colegas-de-escola/>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). Edições 70.
- Cossa, L. E. (2015). Violência escolar em Moçambique: uma reflexão sobre as práticas docentes. *Revista Reflexão e Ação*, 23(1), 72-99. <https://doi.org/10.17058/rea.v23i1.5636>
- Esquierro, L. M. C. (2011). *Violência na escola: o sistema de proteção escolar do governo do Estado de São Paulo e o professor mediador escolar e comunitário* [Dissertação de mestrado, Centro Universitário Salesiano de São Paulo]. <https://silio.tips/download/lilia-maria-cardoso-esquierro>
- Faleiros, V. P., & Faleiros, E. (2007). *Escola que protege: enfrentando a violência contra as crianças e adolescentes*. MEC, UNESCO.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas* (2ª ed.). Verus.
- Galvão, A., Gomes, C. A., Capanema, C., & Câmara, J. (2010). Violências escolares: implicações para a gestão e o currículo. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 18(68), 425-442. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362010000300002>
- Gomes, M. R. B., & Bittar, C. L. (2021). Percepções de professores e alunos sobre a violência escolar: um estudo qualitativo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25, 1-9. <https://doi.org/10.1590/2175-35392021223900>
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). *Relatório mundial sobre a violência e saúde*. OMS.
- Minayo, M. C. S. (2007). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (26ª ed.). Vozes.
- Pereira, F. F. (2016). *Indisciplina e violência escolar: interpretações de professores de três escolas públicas de ensino secundário geral de Maputo, em Moçambique* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório da UFMG. https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-APCR3C/1/tese_fernando_pereira_2016_brasil.pdf
- Silva, L. S., Oliveira, S., & Salge, E. H. C. (2021). Entrevista na pesquisa de abordagem qualitativa: algumas considerações teóricas e práticas. *Revista Prisma*, 2(1), 110-122. <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/46>
- Souza, M. R. (2008). Violência nas escolas: causas e consequências. *Caderno Discente no Instituto Superior de Educação*, 2(2), 119-136. <http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20VIOL%C3%8ANCIA%20NAS%20ESCOLAS%20-%20CAUSAS%20E%20CONSEQU%C3%8ANCIAS.pdf>
- UNESCO. (2019). *Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial*. UNESCO.
- Yamasaki, A. A. (2007). *Violências no contexto escolar: um olhar freudiano* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19102007-150455/publico/TeseAliceYamasaki.pdf>